

A AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA NA REGIÃO DE ARARAQUARA: A FORMAÇÃO DAS USINAS E OS EFEITOS DO PROCESSO DE DESREGULAMENTAÇÃO

Juliana de Aquino Mendonça¹
Oriowaldo Queda²

RESUMO

Análise da evolução das usinas sucroalcooleiras na região de Araraquara abrangendo três períodos. O primeiro que vai de fins do século XIX até 1930, caracterizando o engenho central e os produtores locais isolados durante a época cafeeira. O segundo período, de 1930 a 1990, marcado pela forte intervenção estatal e pela formação de grupos canavieiros familiares. O terceiro período, a partir de 1990, determinado pela desregulamentação e liberalização econômica, o que fez as usinas adotarem estratégias de competitividade diante de um cenário marcado pela concorrência e pelo afastamento do Estado. Dentre essas estratégias está o processo de fusões e aquisições com a entrada de capital estrangeiro, provocando uma mudança na estrutura organizacional dos grupos canavieiros, com divisões internas, e o surgimento de novos grupos, provocando a concentração e a internacionalização do capital. Por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo em museus (anuários municipais), bem como por fontes empresariais e da imprensa, busca-se traçar a evolução, de modo cronológico, das usinas na região de Araraquara, analisando as mudanças regionais em conjunto com os momentos políticos, econômicos e institucionais do Brasil, determinando a influência e/ou as consequências do capital estrangeiro para a região de Araraquara.

Palavras-chave: cana-de-açúcar, agroindústria canavieira, grupos empresariais, desregulamentação.

INTRODUÇÃO

Historicamente a atividade canavieira teve grande relevância política, social e econômica, desde a época colonial até os dias atuais, moldando a economia e as relações sociais em várias regiões do país, em uma constante expansão e retração que acompanhou o desenvolvimento econômico do Brasil (CARVALHO; GALLO, 2012).

A cana-de-açúcar é cultivada em mais de 100 países, porém cerca de 80% da produção mundial está concentrada em 10 países, sendo o Brasil o maior produtor de cana de açúcar do mundo. (NOVACANA, 2017).

Historicamente o Estado de São Paulo se destaca pela forte economia pautada na cultura canavieira, iniciando com a primeira região econômica do Estado paulista, o quadrilátero do açúcar, que envolvia municípios da região de Campinas, avançando depois para o que o Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA considerava as cinco regiões

¹Mestranda em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, Universidade de Araraquara, UNIARA e Graduada em Administração de Empresas e História.

² Docente do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, UNIARA e Professor Titular Aposentado, ESALQ/USP.

canavieiras do Estado: Piracicaba, Araraquara, Ribeirão Preto / Sertãozinho, Jaú e Vale do Paranapanema (FERREIRA; ALVES, 2009).

O século XX foi marcado por modificações profundas na agropecuária do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, e alguns fatores facilitaram esse processo: as vantagens de clima e solo para o plantio da cana-de-açúcar, a desvalorização do café, a industrialização promovida por Getúlio Vargas que reforçou o consumo desta região e a criação do IAA que promoveu a proteção da agroindústria canaveira (PISSINATO, 2014; RAMOS, 1983).

A região de Araraquara não é exceção no que concerne ao Estado, Ferreira (1987) relata que a agroindústria canaveira surge na região de Araraquara com a crise do café na década de 30, tendo como base as usinas de pinga e álcool que já existiam, ocorrendo no decorrer de décadas uma espacialização produtiva de usinas em locais estratégicos para o setor, influenciando a dinâmica regional e a formação de agroindústrias latifundiárias com grande poder de negociação.

Neste trabalho pretendemos analisar algumas mudanças internas do subsetor que causaram o crescimento, o fechamento e as fusões/aquisições das usinas na região de Araraquara, pois em diferentes momentos políticos, econômicos e institucionais do Brasil e do mundo a agroindústria canaveira foi se transformando e alterando sua estrutura, seu funcionamento e sua organização empresarial (RAMOS; SZMRECSÁNYI, 2002).

Para efeitos deste estudo será adotada a mesorregião de Araraquara, que engloba a microrregião de Araraquara e São Carlos, divisão esta considerada pelo IBGE, que tem por parâmetros a similaridade econômica e social da região, unicamente para fins estatísticos (IBGE, 2017).

De acordo com Ramos e Szmrecsányi (2002) a transformação sofrida pelos grupos empresariais que controlaram (e alguns poucos casos ainda controlam) a produção de cana no Estado de São Paulo, pode ser dividida em três subperíodos: o primeiro que se inicia no final do século XIX até o ano de 1930, o segundo período que vai de 1930-1990, e o último a partir de 1990.

No primeiro período temos a formação e o desenvolvimento dos engenhos centrais. No segundo período temos o fortalecimento dos grupos empresariais familiares, em sua maioria de italianos e seus descendentes (RAMOS; SZMRECSÁNYI, 2002). Ainda no segundo período, no final dos anos 60, vai ocorrer o primeiro plano de racionalização da agroindústria canaveira, provocando o processo de incorporação de usinas consideradas antieconômicas pelos grupos empresariais maiores (FERREIRA; ALVES, 2009).

Já o terceiro período se caracteriza pelo processo de fusões e aquisições com o retorno do capital estrangeiro, onde “grandes grupos economicamente viáveis incorporam usinas economicamente viáveis” (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 16). Ferreira e Alves (2009) consideram esse processo o segundo plano de racionalização, agora pós-desregulamentação, onde se inicia o desenvolvimento do capitalismo oligopolista.

A Formação das Usinas na região de Araraquara no Período Cafeeiro

O período que vai de fins do século XVIII até início do século XIX vai se caracterizar pela concentração e produção da cultura e da indústria açucareira, numa região que ficou conhecida como “quadrilátero do açúcar”, localizada na área central da capitania de São Paulo e formada pelas cidades de Mogi Guaçu, Jundiá, Porto Feliz e

Piracicaba. A partir de Itú a cana expandiu-se para as terras de Campinas, dando impulso ao seu povoamento e desenvolvimento urbano (SOARES, 2000).

A região canavieira de Araraquara surge como uma área de expansão do quadrilátero do açúcar, e em 1817 se inicia o cultivo da cana-de-açúcar, dando origem a pequenos alambiques e engenhos que serviam às cidades vizinhas. Os produtores/fazendeiros vinham de “regiões mais velhas” com experiência e capital, em busca das terras férteis do oeste, podendo citar Manuel Joaquim Pinto de Arruda de Piracicaba, Joaquim Lourenço Correia de Porto Feliz e José Sampaio de Limeira (CASALECCHI, 1973; FERREIRA, 1987).

Até então Araraquara era considerada uma das “bocas de sertão”, que eram regiões muito distantes e isoladas dos centros urbanos e utilizadas como centro de parada de viajantes, o que propiciou um aumento populacional de pessoas que buscavam novas oportunidades, transformando o Oeste Paulista em um ponto estratégico para a economia do Estado (MONTEIRO, 2003).

Antes da cultura canavieira, a atividade econômica predominante na região em estudo era a criatória e de subsistência. A presença da cana não altera este quadro, e surgem as fazendas mistas, onde a cultura da cana permanece ao lado da criação, porém por um curto período, pois no final do século XIX o café penetrava na região de Araraquara, e a cultura canavieira passa a segundo plano. (CASALECCHI, 1973)

Lorenzo (1979) reafirma Casalecchi (1973) ao enunciar que a cultura canavieira surge em Araraquara como um prolongamento da região de Piracicaba, e que a fabricação de açúcar nesta área, de fins do século XIX até 1930, vai ser caracterizada por um comportamento instável, ou seja, em alguns momentos em expansão e outros em retração, devido à concorrência com a cultura cafeeira.

Em 1864 a cultura cafeeira já se estabelecia como produto principal, assumindo em pouco tempo posição significativa na economia do Estado de São Paulo. Ao término do século XIX o Brasil controlava o mercado cafeeiro mundial e, de acordo com Carvalho (2013), a cultura da cana encontrava-se semi-abandonada, e o açúcar assumia importância secundária na economia nacional, voltado para o abastecimento do mercado interno.

Na região de Araraquara a cultura cafeeira surgia, aproveitando as terras favoráveis e a infraestrutura econômica propiciada pela cultura de cana-de-açúcar. Houve uma rápida penetração dos cafezais nesta região, e não demorou muito para que a cultura cafeeira despontasse como principal atividade econômica (FERREIRA, 1987).

“Assim sendo, dos fins do século XIX até 1910 observa-se a estagnação da atividade canavieira, e, dos antigos engenhos que naquela época existiam no município de Araraquara, apenas um permaneceu em funcionamento” (LORENZO, 1979, p. 57-58).

Juntamente com o café surge a construção de estradas de ferro para escoar a produção até o porto de Santos, agora por se tratar de uma cultura de exportação, diferente do que representava a cana-de-açúcar para o Estado de São Paulo, meramente uma cultura para consumo interno. A cana não criou uma infraestrutura de transporte e comunicação (CASALECCHI, 1973).

Foi assim que “em 1885 a Companhia Paulista de Estradas de Ferro chegava em Araraquara, numa época em que a região possuía 671.000 pés de café formados” (FERREIRA, 1987, p. 19).

Após a abolição da escravidão, e com a crise do açúcar, o país incentivou a imigração de europeus para trabalharem nas plantações de café, principalmente no interior do Estado de São Paulo, fato que gerou a criação de várias cidades em sua marcha para o oeste paulista (CARVALHO, 2013).

Na região de Araraquara o café foi o responsável pela criação de novos núcleos urbanos, em decorrência do maior fluxo populacional para as regiões cafeeiras. A facilidade de transporte propiciada pela ferrovia e a proximidade geográfica dos novos núcleos urbanos com os mais antigos (Araraquara e São Carlos) facilitavam o comércio e o desenvolvimento de atividades industriais. (LORENZO, 1979).

Em 1915 o município de Araraquara contava com 404 propriedades cafeeiras, totalizando aproximadamente 225.229 mil pés de café, distribuídos em toda região de Araraquara, incluindo Américo Brasiliense, Rincão, Santa Lucia, Motuca, Gavião Peixoto etc (ÁLBUM DE ARARAQUARA, 1915).

A principal característica econômica das fazendas da região de Araraquara entre o final do século XIX e início do século XX tinha um caráter misto, com uma combinação de atividades voltadas tanto para o mercado externo (café), quanto para o mercado interno (pecuária, cultura de alimentos) (MONTEIRO, 2003).

De acordo com Monteiro (2003, p. 2) a cultura cafeeira foi a responsável pelo retalhamento das sesmarias, alterando a estrutura fundiária da região:

A estrutura fundiária, ao longo do século XIX, foi marcada pelo retalhamento das imensas sesmarias. Os fazendeiros continuaram com a tradição das fazendas mistas mesmo com a chegada do café, pois não abriram mão dos lucros que obtinham através do mercado interno. O café passou a dividir espaço com os outros setores. Quando havia necessidade de espaço para a expansão cafeeira, os fazendeiros adquiriam mais terras para não suprimirem suas culturas ou espaço para a criação além de preservavam áreas com matas.

As primeiras agroindústrias canavieiras da região de Araraquara surgiram no contexto do período cafeeiro e foram anteriores à presença do controle estatal. A região cresceu em ritmo lento até 1950, existindo apenas duas usinas no término da Segunda Guerra Mundial: Tamoio (Araraquara) e Itaquere (Nova Europa), implantadas sobre engenhos e alambiques pré-existentes na área. (FERREIRA, 1987; LORENZO, 1979).

Segundo Sawyer (1908 apud Ferreira, 1987, p. 22), em 1889, em plena fase expansionista do café, surge a primeira indústria moderna de Araraquara: o Engenho Central Freitas, propriedade do Comendador Freitas, com duas fazendas, 2.950 ha de cana e 600.000 pés de café. Em 1917 o engenho é vendido para a família Morganti, e seu nome é alterado para usina Fortaleza, localizada perto da Estação Tamoio (nome que iria ser alterado novamente).

De acordo com Ferrante (1984, p. 31), a usina Fortaleza “chegou a ser uma das maiores usinas do Brasil, pioneira na utilização da vinhaça como fertilizante agrícola e na instalação da primeira moenda de cana do mundo com 6 tornos”, equipamentos que vieram substituir o antigo engenho. Posteriormente, em 1938, seu nome foi alterado novamente para usina Tamoio, e em 1966 foi adquirida pelo grupo Silva Gordo (LORENZO, 1979).

“A usina Tamoio foi considerada durante muito tempo como agroindústria modelo no Estado, chegando a existir como pequena cidade, com cerca de 15 mil habitantes, dos quais 10 mil eram fixos (...)” (FERREIRA, 1987, p. 26).

O Grupo Morgante criou a Refinadora Paulista S.A que abrangia, em pleno funcionamento: a usina Tamoio (Araraquara), a usina Monte Alegre (Piracicaba), uma agrícola em Itaquera e um depósito para venda de álcool em larga escala em São Paulo, e também a fazenda Guataparã (Ribeirão Preto) (ÁLBUM DE ARARAQUARA, 1948).

Em 1929, a crise mundial que se espalhou pelo mundo e que afetou a própria economia brasileira, arrastando o café junto, acabou provocando a migração de muitos

cafeicultores paulistas para a atividade canavieira, provocando uma mudança profunda na agricultura paulista. (SZMRECSÁNYI, 1979; FERREIRA, 1987).

A crise de 29 propiciou o término da atividade cafeeira no Estado de São Paulo e o início da expansão canavieira, ou melhor, a retomada de sua expansão que foi adiada pela economia cafeeira.

De acordo com Costa (1973, p. 62), as sucessivas crises do café no comércio internacional iniciam um processo de diversificação da agricultura, conseqüentemente o surgimento da agroindústria:

Com a intensificação do processo de retração do café na década de 30, surgem as usinas de açúcar, a partir dos engenhos de pinga e álcool pré-existentes. Da mesma forma, a “desespecialização” da área, refletindo um fenômeno geral da Economia Paulista, propiciou o desenvolvimento de uma série de “novas atividades” agrícolas, e a partir delas, a agroindústria.

Neste contexto de crise do café, em 1925 surge a segunda usina na região de Araraquara, a usina Itaquerê, sendo seu proprietário Carlos Leôncio de Magalhães, mais conhecido como Nhonhô Magalhães, o quarto rei do café. (VECCHIA, 1997). Inicialmente a usina pertencia ao município de Tabatinga, porém, devido ao desmembramento municipal, a usina passou a pertencer ao município de Nova Europa (FERREIRA, 1987).

Nhonhô administrava as fazendas de café da família e aos poucos enriqueceu comprando e vendendo suas próprias fazendas na região de Matão. Um dos seus maiores negócios ocorreu em 1911 com a compra da fazenda Cambuhy (onde atualmente se encontram os municípios de Matão, Nova Europa e Gavião Peixoto). Em 1924 Nhonhô vende a propriedade (por dez vezes mais do que comprou) para o grupo inglês Brazilian Warrant Co, que ali criaria a Cambuhy Coffee and Cotton Estates Limited (VECCHIA, 1997).

Uma parte da propriedade vendida foi mantida por Nhonhô, que estabeleceu ali a Companhia Açucareira Itaquerê, com 5.570 hectares (VECCHIA, 1997).

De acordo com De Carli (1941 apud Ferreira, 1987, p. 27), neste período a usina Tamoio e a usina Itaquerê totalizavam juntas 11% da cana plantada em todo o Estado de São Paulo:

Na década de 40, a usina Itaquerê possuía 6.473ha. de cana própria no município de Tabatinga, perfazendo um total de 10,9% das terras pertencentes ao município. Em relação ao Estado de São Paulo, dos 141.765 hectares de cana plantada, as duas usinas da região de Araraquara, Tamoio e Itaquerê, correspondiam com 9.690 ha. e 6.473 ha, respectivamente, totalizando uma participação superior a 11% da cana plantada em todo o Estado.

Em 1931 o Estado de São Paulo já possuía 23 usinas em funcionamento. A produção de açúcar das duas usinas da região, Fortaleza/Tamoio (Morganti-Araraquara) e Itaquerê (Magalhães – Nova Europa) representavam 12% de toda produção do Estado (RAMOS, 1999).

Com a expansão das usinas em São Paulo surge o medo de superprodução, e em 01/06/1933 através do Decreto n. 22.789 o governo cria o “IAA e se inaugura oficialmente a política de limitação da produção de açúcar no país, implementando-se as quotas de produção divididas por Estado” (CARVALHO, 2013, p. 29).

A Formação das Usinas na Região de Araraquara no Período de Intervenção:

A intervenção do Estado representa uma tentativa para a transição de uma economia do tipo colonial, baseada em uma sociedade patriarcal de bases agrárias, para uma economia capitalista industrial de produção nacional (QUEDA, 1972).

“O intervencionismo é a condição indispensável para que se processe a industrialização de um país inserido periféricamente no capitalismo mundial” (IANNI, 1965 apud QUEDA, 1972, p. 13).

Como reitera Queda (1972), a relação estatal com o setor canavieiro pode ser percebida desde o período colonial, atravessando o Império e a República de modo incerto, sendo em certos períodos protecionista (incentivando a produção com limites e impostos), liberal (coincidindo com a independência, com a expansão do capitalismo urbano e o princípio do *laissez-faire*) e totalmente intervencionista a partir da década de 30.

O intervencionismo se intensifica depois de 1930 em consequência da grande depressão econômica de 1929, da revolução de 1930 e da II Guerra Mundial (1939-1945), sendo instaurada a pedido dos próprios produtores para resolver o problema de superprodução que gerava a queda dos preços e a desorganização dos mercados internos, juntamente com as restrições dos países importadores devido à crise econômica mundial (QUEDA, 1972; SZMRECSÁNYI, 1979).

Intervenção que se fez presente desde a produção da matéria-prima até a distribuição, consumo e exportação. O Estado regulava o preço da cana, o preço do açúcar e as quotas dos fornecedores e das usinas, estabelecendo o controle e o equilíbrio entre a produção e o consumo para estabilizar os preços, além de financiar as safras para fornecedores e usineiros e criar órgãos para julgar as infrações. Também protegia o setor dos conflitos que surgiam ao longo de seu processo de expansão, chegando até a disciplinar as relações entre fornecedores-usineiros-lavradores (QUEDA, 1972; RAMOS, 1999).

Com a Segunda Guerra Mundial e diante da necessidade de abastecer o Centro-Sul (maior mercado consumidor) e evitar o racionamento, o Governo Federal afrouxou o controle e o IAA autorizou a abertura e instalação de novas usinas, bem como a liberação do regime de quotas, favorecendo a expansão e a produtividade no Centro-Sul (SZMRECSÁNYI, 1979). Bray et al (2000) considera esse afrouxamento do IAA como uma fase liberalizante, que vai gerar a expansão das usinas paulistas e a utilização plena da capacidade produtiva destas, e conseqüentemente a modernização do setor, com melhores maquinários.

A década de 40:

Na década de 40 são instaladas 49 novas usinas de açúcar e álcool no Estado de São Paulo, onde o IAA estabelece a consolidação das cinco regiões canavieiras do Estado: Piracicaba, Araraquara, Ribeirão Preto/Sertãozinho, Jaú e Vale do Paranapanema (FERREIRA; ALVES, 2009).

Neste mesmo período ocorre o aumento do consumo interno de açúcar no Centro-Sul, que gerou o aumento das quotas de produção (decreto-lei n 9827) expandindo a cultura canavieira ainda mais (BRAY et al, 2000).

De acordo com Szmrecsányi (1979, p. 219) “[...] é inegável que o crescimento da produção açucareira do Estado de São Paulo foi mais do que proporcional à evolução de seu consumo. Entre as safras de 1946/47 e de 1951/52, a produção paulista de açúcar teve um incremento de quase 84%”.

Bray et all (2000) reitera Szmrecsányi (1979) ao demonstrar que na safra de 1945/46 o Estado de São Paulo possuía em funcionamento 40 usinas que produziam 2.894.896 sacos de açúcar de 60 quilos, já na safra de 1950/51 foram produzidos 6.279.784 sacos de açúcar.

Aproveitando o crescimento produtivo do Estado, os benefícios oferecidos pelo IAA, e diante de um ambiente externo favorável, a partir de 1940 implantaram-se mais quatro novas usinas na região de Araraquara: Chibarro, Maria Izabel, Santa Cruz, e Zanin, interessadas na produção de açúcar e álcool (FERREIRA, 1987).

“Quando esses novos grupos partem para a atividade canavieira, eles determinam o fim do café plantado no final do século passado, propiciando espaço para a cana-de-açúcar, cujo mercado consumidor era próspero e convidativo” (FERREIRA, 1987, p. 32).

Entre 1940 e 1950 “a indústria açucareira foi o primeiro ramo agroindustrial a se desenvolver e iniciou-se com a transformação dos antigos engenhos em usinas mais modernas [...]” (LORENZO, 1979, p. 90). Até o início dos anos 50 a indústria açucareira se caracterizou como a atividade agroindustrial mais importante da região de Araraquara (LORENZO, 1979).

A usina Chibarro (Araraquara) propriedade do grupo Biazzini S/A, teve curta duração, “Na safra de 1958/59, devido à crescente concorrência entre as usinas e, por ser de pequeno porte, seus proprietários resolvem vendê-la para o grupo Jamil Jacob, proprietários da usina São José da Estiva, município de Novo Horizonte (SP)” onde a área canavieira estava em desenvolvimento (FERREIRA, 1987, p. 33).

A usina Maria Izabel, localizada na fazenda Alpes (Santa Lúcia) era propriedade do Dr. Bento de Abreu Sampaio Vidal (Deputado Estadual e Secretário da Agricultura na primeira República) era um grande cafeicultor, e possuía uma plantação com 350.000 pés de café em sua fazenda. Na década de 20 iniciou com o cultivo de laranja, sendo um dos pioneiros em exportação da fruta para Londres. Também obteve êxito na criação do bicho da seda, na plantação de uvas e na fabricação de vinhos, o que caracterizava uma grande diversificação de lavouras no decorrer dos anos (REVISTA ARARAQUARA, 1974).

Seguindo a tendência econômica da região, de acordo com Lorenzo (1979, p. 92), em 1939 a Fazenda Alpes inicia a plantação de cana-de-açúcar, e em 1940 consegue quota do IAA para a produção de açúcar batido e aguardente:

“[...] obteve em 1940 uma cota para produzir açúcar do Instituto do Açúcar e do Alcool (I.A.A) e instalou um engenho em turbinador, que produzia 2.000 sacos de açúcar anualmente. A compra desse engenho foi efetuada com o dinheiro da venda de uma fazenda de café que se localizava na região de Marília. A matéria prima utilizada – a cana – começou a ser plantada em 1939, em parte de suas terras localizadas no município de Araraquara (no mesmo local onde foi instalada a usina), que até então haviam servido para o cultivo do café.

Em 1948 ocorre o falecimento do Dr. Bento de Abreu, e neste mesmo ano seus herdeiros conseguem a autorização para a instalação da usina e a ampliação das cotas para 20.000 sacos (cotas adquiridas de uma usina decadente de Pernambuco, diante da dificuldade de ampliação de cotas perante o controle estatal efetuado pelo IAA) (LORENZO, 1979).

Em 1951 o pequeno engenho se transforma na usina Maria Izabel, inicialmente com uma cota autorizada de 20.000 sacos de açúcar cristal, chegando em 1970 em 150.000 sacos. Porém, na década de 70, suas cotas e suas máquinas são vendidas para

uma outra usina açucareira da região, a usina Santa Cruz (LORENZO, 1979; REVISTA ARARAQUARA, 1974).

A usina Santa Cruz iniciou suas atividades em 1947, logo após o término da II Guerra Mundial, produzindo açúcar e álcool, no município de Américo Brasiliense (até então distrito de Araraquara, conseguindo sua emancipação em 1964), local onde a família Ometto vislumbrou uma grande oportunidade no solo fértil (LORENZO; 1979; FERREIRA, 1987; REVISTA ARARAQUARA, 1974).

Foi na fazenda Santa Cruz que Joãozinho e Nancy Ometto começaram sua vida de casados e iniciaram a substituição dos cafezais pela cana, porém, em 1945 Luís Ometto compra a propriedade. Por estar ocupado nas usinas Iracema e São Martinho, também de sua família, Luís faz uma sociedade com seus sobrinhos Pavan para iniciar a usina. Antônio, Mário, Virgílio e Novênio Pavan instalam o maquinário fornecido pela Dedini, solicitam autorização do IAA e iniciam a produção. Em 1949 foi constituída a sociedade por cotas, de responsabilidade limitada. Era o começo da Ometto/Pavan (GORDINHO, 1986).

“A existência da usina foi fundamental para que ocorresse a formação do município de Américo Brasiliense em 21 de março de 1965, constituindo-se em típica “cidade dormitório” para boias-frias, na maioria trabalhadores da usina Santa Cruz. (FERREIRA, 1987, p. 34).

A sexta agroindústria implantada na região de Araraquara foi a usina Zanin Açúcar e Álcool Ltda, fundada em 1947. Seu fundador, Domingos Zanin veio da Itália, acompanhando os pais, e trabalhou por três anos na fazenda Guataparã. Em seguida se separou da família e foi trabalhar em uma caieira, onde juntou uma economia que lhe possibilitou comprar em 1894 uma pequena propriedade de terras em Piracicaba, onde montou um pequeno engenho de aguardente no ano de 1929 (REVISTA ARARAQUARA, 1974).

Zanin encontrava dificuldade de expandir seus negócios, pois Piracicaba já possuía muitas usinas de açúcar. Em 1941 adquire a fazenda São Joaquim na região do Chibarro, próximo a Refinadora Paulista dos Morganti. Logo em seguida também adquire a fazenda Água Branca, e em 1947, nesta fazenda, inicia as atividades da usina Zanin. (REVISTA ARARAQUARA, 1974).

Com a Segunda Guerra Mundial e a crise de desabastecimento de açúcar, seu amigo Mario Dedini, estimulou o senhor Domingos Zanin na aquisição de novas quotas de açúcar (nesta época uma produção de 3.200 sacos já dava direito à fundação de uma usina) (REVISTA ARARAQUARA, 1974).

Portanto, com a colaboração da família Dedini, surge em 1947 a usina Zanin, com uma produção inicial de 10.000 sacos e “com 346,65 ha de terras próprias; tendo na safra 50/51 o total de 1.241,58 ha plantados por suas duas empresas: Agropecuária São Bernardo Ltda e Agropecuária São Paulo Ltda” (FERREIRA, 1987 p. 36; REVISTA ARARAQUARA, 1974).

No final da década de 40 a região em estudo possuía seis usinas em funcionamento: Tamoio (Morganti-Araraquara), Itaquerê (Magalhães - Nova Europa). Chibarro (Biazzi - Araraquara), Maria Izabel (Bento de Abreu – Santa Lucia), Santa Cruz (Ometto/Pavan – Américo Brasiliense) e Zanin (Zanin – Araraquara).

A década de 50:

A década de 50 se caracteriza pela expansão significativa da agroindústria sucroalcooleira mediante o aumento da demanda interna de açúcar e álcool, como também um ambiente externo favorável (quebra da safra europeia de beterraba) e pelas

instabilidades internacionais (crise de Suez, levantes na Polônia e na Hungria, agitações político-militares em Cuba), bem como ao processo de urbanização e de industrialização nacional, expansão esta que foi incentivada por alguns decretos e resoluções do IAA, (entre eles a resolução n 501/51 que elevou as quotas de açúcar e criou uma quota especial de álcool) (CARVALHO, 2009; SZMRECSÁNYI, 1979).

Queda (1972) salienta o início da rápida concentração técnica na década de 50, sendo importante destacar a grande contribuição da Dedini para esse processo, fornecendo equipamentos maiores e aumentando o tamanho médio das usinas paulistas.

A expansão da cultura canavieira passou a ter a seguinte configuração no Estado de São Paulo no início do decênio de 50: a tradicional área de Piracicaba na Depressão Periférica e mais duas novas áreas açucareiras alcooleiras no Planalto Ocidental: Ribeirão Preto e Araraquara (FERREIRA, 1987, p. 37).

Com as medidas de apoio e incentivo da década de 50, a região canavieira de Araraquara passa a contar com mais seis usinas de açúcar a álcool: usina da Serra, Maringá, Ipiranga, Storani, Santa Ernestina e Santa Luiza.

A sétima usina a se estabelecer na região de Araraquara foi a usina açucareira da Serra em 1953 no município de Ibaté, propriedade de Nello Morganti e Ivo Morganti.

Depois de alguns anos os proprietários fundaram a Agropecuária Nello Morganti S/A com o objetivo de administrar as terras da usina e das propriedades arrendadas. A usina da Serra possuía uma planta e uma capacidade de moagem maior do que as outras usinas da região em estudo. “(...) Em 58/59 (cinco safras depois de sua abertura) a empresa já era a segunda maior produtora de açúcar da região, (...), sendo sua produção superada apenas pela usina Tamoio” (FERREIRA, 1987, p. 38).

O oitavo grupo agroindustrial canavieiro da região de Araraquara foi a usina Maringá, propriedade do imigrante português Graciano da Ressureição Affonso, que também montou várias outras empresas para a família, entre elas: Citro Maringá S/A (pretendiam transformar-se em produtores de suco concentrado), Transportadora Bom Retiro S/A, Revenda Autorizada de Veículos Chevrolet e várias empresas cinematográficas na região (FERREIRA, 1987).

Logo que chegou ao município de Araraquara, Graciano foi trabalhar na usina Santa Cruz, onde ficou fascinado pelo cultivo e processamento da cana-de-açúcar, tanto que começou a fazer álcool para perfume para a empresa Phebo. Montou uma destilaria, e desta surgiu a usina Maringá (JORNAL O IMPARCIAL, 2016).

Em 1954 é fundada a nona usina da região no município de Descalvado, na fazenda Boa Vista Grande: a usina Ipiranga Açúcar e Álcool. Inicialmente a usina pertencia a oito acionistas que eram na maioria fornecedores de cana, porém, no decorrer dos anos ficaram apenas dois acionistas majoritários: Alzira Barreiro Scatena e Cid Romeu Barros. Também fundaram duas agropecuárias para administrar a produção agrícola: Guilherme Scatena e Rampa Agropecuária. (FERREIRA, 1987).

A décima usina a ser aberta vai ser da família Storani, proprietários de indústrias têxteis em Jundiaí, que se mudaram para Araraquara e decidiram variar de ramo industrial. Adquirem uma propriedade de 700 hectares, e se tornam fornecedores de cana para a usina Santa Cruz. Em 1958 iniciam as atividades de sua própria usina (FERREIRA, 1987).

“A Usina Storani, de forma semelhante ao caso da Usina Maria Izabel, foi adquirida em 1967 pela Usina Santa Cruz” (LORENZO, 1979, p. 93), que eram os principais compradores de cana dos Storani, antes de abrirem sua própria usina.

“A décima primeira usina implantada na região de Araraquara foi a Santa Ernestina em 1958 no município de Dobrada, na fazenda Santa Eliza, e propriedade do

grupo Tonini. A empresa, em todo seu tempo de atuação, somente produziu açúcar” (FERREIRA, 1987, p. 40).

A usina Santa Luiza foi a décima segunda a surgir na região, no ano de 1959, sendo instalada na fazenda Santa Cecília, município de Motuca (até então distrito de Araraquara, conseguindo sua emancipação em 1990). Propriedade de Francisco Malzoni e de seus filhos: Silvio, Carlos Fernando, Maria Luiza e Roberto Malzoni (FERREIRA, 1987; LUIZ, 2013).

“Com o crescimento da empresa compraram mais duas grandes fazendas, Aquidaban e Laranjeiras, ficando com um total de 11.335 ha nos municípios de Araraquara e Matão” (FERREIRA, 1987, p. 41), e ainda possuíam mais 5.111 ha de terras arrendadas nos municípios de Araraquara, Matão e Rincão (FERREIRA, 1987).

No final da década de 50, a região canavieira de Araraquara possuía onze usinas em funcionamento: Tamoio (Morganti-Araraquara), Itaquerê (Magalhães - Nova Europa). Maria Izabel (Bento de Abreu - Santa Lucia), Santa Cruz (Ometto/Pavan - Américo Brasiliense), Zanin (Zanin - Araraquara), da Serra (Morganti - Ibaté), Maringá (Graciano R. Afonso - Araraquara), Ipiranga (Descalvado - Acionistas), Storani (Storani - Araraquara), Santa Ernestina (Dobrada - Tonini) e Santa Luiza (Malzoni - Motuca). A usina Chibarro, do grupo Biazzi, foi transferida para Novo Horizonte e desativada em Araraquara em 1958.

A década de 60:

Durante toda a década de 50 o IAA iria controlar a produção e os preços no mercado interno, escoando para o mercado externo os excedentes das safras, porém, tudo muda na década de 60 com a Revolução Cubana e o rompimento das relações dos EUA e de outros países com Cuba, que excluíram o açúcar cubano de seu mercado. O crescimento do setor na década de 60 vai ser impulsionado pela exportação de açúcar devido à conjuntura internacional favorável, e não mais pelo crescimento do mercado interno (PISSINATO, 2014).

Szmrecsányi (1979) considera que de 1960 a 1968 ocorre o grande retorno da agroindústria canavieira brasileira ao mercado internacional, com um modelo nacional de desenvolvimento voltado unicamente para o exterior e com o aumento da produtividade atrelado à produção de equipamentos para a agricultura visando sua mecanização.

De acordo com Ramos (1983, p. 28), os grupos que contribuíram no processo de expansão e modernização da agroindústria canavieira foram o grupo Dedini e logo depois Zanini:

O grupo Dedini soube, assim, tirar proveito e auxiliar o processo de expansão da agroindústria canavieira em São Paulo. Teve seu espetacular crescimento nas décadas de 30, 40 e 50, alicerçando sua posição hegemônica no fornecimento de equipamentos. Somente a partir dos anos 60 é que destacará um outro produtor - a Zanini - na região de Ribeirão Preto, que, junto com a Dedini, praticamente dividem o mercado entre si.

O décimo terceiro, e último, grande grupo agroindustrial canavieiro a se implantar na região de Araraquara em 1964 é o grupo Salvagni, proprietários da usina Contendas, município de Taquaritinga. O grupo já existia em 1946 com a produção de aguardente, quando em 1964 conseguem pequena quota do IAA para iniciarem a produção de açúcar e álcool, tanto que no ano de sua fundação chegaram a produzir 115.946 sacos/60Kg de açúcar (FERREIRA, 1987).

A expansão da produção açucareira ocorreu basicamente no Estado de São Paulo, tomou impulso em 64 com a elevação dos limites de produção das usinas, coincidindo com a campanha de erradicação do café (financiada pelo governo) que foi substituído pela cana, tendo um mercado internacional favorável. O plantio de cana foi desenfreado, e o resultado disso explodiu em 1965/1966, com uma das piores crises da agroindústria canavieira nacional (SZMRECSÁNYI, 1979).

No final da década de 60 a região em estudo continuava com as mesmas onze usinas do final da década de 50, porém com duas mudanças neste período: ocorre o fechamento da usina Storani (Araraquara) em 1967, que vende suas quotas para a usina Santa Cruz (Ometto), porém este fechamento é substituído pela abertura da usina Contendas em Taquaritinga.

Outra grande alteração que se destacou na região neste período foi a incorporação realizada pelo grupo Silva Gordo (proprietários do extinto Banco Português), incorporando o grupo Morganti (possuidor de 6% do parque industrial canavieiro paulista na época) e suas duas usinas: Tamoio (Araraquara) e Monte Alegre (Piracicaba), além da fazenda Guatapar (FERREIRA, 1987).

O Plano de Racionalizao e o Próalcool:

Em 1971  criado o Programa de Racionalizao da Agroindustria Canavieira com o objetivo de eliminar as pequenas usinas e os pequenos fornecedores que pressionavam os preços. De acordo com Tsukada (2011, p.18):

[...] a proposta era eliminar as pequenas usinas, consideradas ineficientes, bem como os pequenos fornecedores de cana-de-açucar, uma vez que a presença destes no sistema forçava os preços para cima. Além disso, o programa propunha o cancelamento das inscrioes de usinas que tivessem paralisado a produoo por três safras consecutivas a partir da safra 1968/69 e revisava periodicamente aquelas que estavam em atividade, por meio da Lei n 5.654/71.

O Programa de Racionalizao estimulava  fusão, incorporao e realocizao de unidades industriais açucareiras (dentro de uma mesma região geo-econômica), visando uma maior eficiência das usinas para obteno de economia de escala, o que acelerou o processo de concentrao de renda e de terras do setor (RAMOS, 1999; FERREIRA, 1987).

O Plano de Racionalizao da Agroindustria Canavieira foi o maior responsável na década de 70 pelo fechamento de 23 usinas no interior do Estado de São Paulo (FERREIRA, 1987).

IMPLANTAO E FECHAMENTO DE USINAS NO ESTADO					
DE SÃO PAULO					
	ANTES DE 40	DÉCADA 40	DÉCADA 50	DÉCADA 60	DÉCADA 70
Implantao	33	49	21	4	4
Fechamento		3	5	5	23

FONTE: IAA apud Ferreira, 1987, p. 58

A região de Araraquara também sentiu os efeitos do plano de racionalizao. Além das vendas e transferências efetivadas, que já foram citadas neste trabalho, como: a transferência da usina Chibarro (desativada) para o grupo Jamil Jacob de Novo Horizonte, a venda da usina Storani (desativada) para a usina Santa Cruz e a mudança

de proprietários da usina Tamoio, dos Morganti para o grupo Silva Gordo, ocorreram mais cinco alterações neste período (FERREIRA, 1987).

A primeira venda realizada no período do plano de racionalização envolveu a usina Contendas (Taquaritinga) da família Salvagni, que vendeu seu corpo fabril e suas quotas para a usina São Geraldo (Sertãozinho), da família Simioni, devido a sua produção ser considerada pequena. A família Salvagni manteve sua agropecuária, e posteriormente, com o Programa Nacional do Alcool, volta como destilaria autônoma (FERREIRA, 1987).

Já na década de 70, o grupo Silva Gordo que no final da década de 60 tinha comprado as propriedades da família Morganti, enfrenta problemas financeiros, e de acordo com Ramos (1983, p. 91-92) vende a usina Monte Alegre (Piracicaba) para o grupo Ometto/Dedini, que posteriormente a fecha, e sua cota é transferida para a usina Tamoio (Araraquara) e Tupy (Goiás). Quanto ao grupo Silva Gordo:

[...] durante algumas safras (70/71, 71/72 e 72/73) ele foi o segundo maior grupo açucareiro do estado paulista, pois que havia comprado cinco usinas, sendo as duas do grupo Morganti (Tamoio e Monte Alegre) e as três do grupo Societé, que se nacionalizara em 1969 (Piracicaba, Porto Feliz e Raffard). Tal “entrada” do grupo Silva Gordo na produção açucareira fazia parte de uma estratégia do Grupo proprietário do Banco Português do Brasil, que queria tornar-se em pouco tempo um dos maiores, senão o maior, grupo açucareiro do Brasil. Mas isso não foi possível: provavelmente por problemas financeiros, o grupo vende as usinas Porto Feliz e Raffard para os proprietários/sócios da COPERSUCAR, em 1973 e vende a usina Monte Alegre para os irmãos Ometto/Grupo Dedini em 1975. Pela difícil localização da usina Piracicaba (área central da cidade) ela é fechada e sua quota transferida para outras duas usinas do Grupo: a Tamoio, em Araraquara-SP e a Tupy, no estado de Goiás. Uma observação importante [...] o Grupo Silva Gordo conservou a posse de boa parte da terra, criando empresas de loteamento e imobiliárias, transformando antigos canaviais em áreas urbanizadas ou urbanizáveis.

A usina Maria Izabel (Santa Lucia) é incorporada pelo grupo Ometto/Pavan, proprietários da usina Santa Cruz (Américo Brasiliense), proprietários da usina São Martinho, Santana e Iracema. A incorporação ocorreu na área industrial e nas quotas, porém, as terras da fazenda Alpes ficaram nas mãos dos proprietários (FERREIRA, 1987).

Outra incorporação do período foi quando o grupo Tonini, usina Santa Ernestina (Dobrada) é incorporado pelo grupo Lauro Corona, proprietários da usina Bonfim (Guariba). “Devido à proximidade das duas usinas, a direção da usina Bonfim resolveu extinguir a parte industrial da usina Santa Ernestina, agregando-a a usina Bonfim” (FERREIRA, 1987, p. 61).

No ano de 1972 o Sr. Roberto Malzoni, pertencente ao grupo Malzoni (Motuca) adquire a usina Itaquerê (Nova Europa) ficando como diretor presidente e alterando o nome da empresa para usina Santa Fé S/A Açúcar e Alcool (FERREIRA, 1987).

Das onze usinas que existiam na área em estudo no final da década de 60, restaram apenas oito, ocorrendo o fechamento na década de 70 da usina Maria Izabel, Contendas e Santa Ernestina. Com destaque para a compra do Sr. Malzoni na usina Itaquerê, que agora seria usina Santa Fé.

Entre as décadas de 70 e 80 as usinas começam a buscar novas terras, e até a disputá-las com outras usinas e com a agroindústria de citros da região, ocorrendo uma

supervalorização das terras, tudo isso como consequência do plano de racionalização, e posteriormente do Programa Nacional do Alcool (FERREIRA, 1987).

O Próalcool se caracterizou pelo crescimento rápido da produção de cana de açúcar, conseqüentemente a necessidade de se utilizar áreas maiores para a produção desta, ocorrendo uma substituição dos espaços rurais onde se produzia alimento (CARVALHO, 2009).

Pode-se constatar que a partir do Próalcool houve um grande avanço em áreas cultivadas das usinas e destilarias. A tabela abaixo traça uma comparação dessa evolução, antes e depois (dez anos após) o Próalcool. “Os grandes grupos canavieiros, em média, dobraram a sua área cultivada neste período” (FERREIRA, 1987, p. 86), com destaque para a usina Santa Luiza que aumentou sua área de 3.154 para 12.550 ha.

EVOLUÇÃO DE ÁREA CULTIVADA PERTENCENTE ÀS USINAS		
ANTES DO PRÓALCOOL E 10 ANOS DEPOIS DO PRÓALCOOL (em ha)		
	ANTES	DEPOIS
Santa Cruz	16.014	33.312
da Serra	10.239	17.318
Maringá	8.674	15.086
Zanin	6.703	14.213
Santa Luiza	3.154	12.550
Santa Fé	4.022	8.275
Ipiranga	3.212	6.630
Tamoio	14.288	7.111
TOTAL	66.306	114.495

FONTES: IAA e Usinas da região canavieira de Araraquara apud Ferreira, 1987, p. 87-88 adaptado

A usina Tamoio foi a única que sofreu retração em sua área cultivada, devido às dificuldades empresariais que sofreu nesta época FERREIRA, 1987).

Devido ao investimento no setor, na primeira fase do próalcool houve um aumento das destilarias autônomas, e também uma ampliação da capacidade instalada das destilarias anexas já existentes, ocorrendo um crescimento da produção de álcool (BRAY et all, 2000).

Em 24/09/1979 (final da primeira fase do próalcool) se instalava na região de Araraquara, especificamente no município de Dobrada, a primeira destilaria autônoma: Lagoa Dourada S/A Alcool e Derivados. De propriedade da família Miori, oriundos de Rio das Pedras (Piracicaba), já eram proprietários de uma agropecuária, de uma empresa engarrafadora de aguardente e faziam parte da diretoria da APEAGESP (Associação Profissional dos Engarrafadores de aguardente do Estado de São Paulo) em Piracicaba. A destilaria chegou a dispor de 1.642,70 ha de propriedades arrendadas nos municípios de Dobrada, Matão, Taquaritinga e Itápolis (FERREIRA, 1987, p. 102-104).

Em 1979, com o segundo choque do petróleo, se inicia a segunda fase do Próalcool (1980-1985), que tinha como objetivo a utilização do álcool exclusivamente como combustível, com o intuito de diminuir a vulnerabilidade energética do País. (CARVALHO, 2013), diferente da primeira fase, que tinha como objetivo maior solucionar o problema dos produtores devido à crise açucareira (BRAY et all, 2000).

“Em 1975, o Próalcool, foi um plano muito mais voltado para os interesses dos usineiros do que para os benefícios do próprio país. O barril de álcool aqui produzido

ficava em US\$ 40,00, enquanto o barril de petróleo poderia ser adquirido por US\$ 22,00.” (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 16).

Entre 1975 e 1986 ocorre um grande crescimento da produção de álcool, apoiada pela expansão da cana em área cultivada e pela adoção de tecnologia de ponta, ocasionando uma concentração fundiária, industrial e de capital (RAMOS, 2007), Produção de álcool que foi apoiada nos anos 80 pela fabricação e utilização de automóveis movidos a álcool, tanto que em 1985 (auge do Proálcool), de acordo com Bray et al (2000) as vendas de veículos movidos a álcool representavam 92,7% do total.

A partir da safra de 1982-83 a região de Araraquara passa a contar com mais três destilarias autônomas, além da destilaria Lagoa Dourada, já citada anteriormente. São elas: Santa Helena e São Gregório (grande fornecedora de cana da extinta usina Tamoio que surge para substituí-la) em Ibaté, e destilaria Contendas (Taquaritinga) (FERREIRA, 1987).

A segunda destilaria autônoma a se instalar na região de Araraquara foi a São Gregório em 1982, no município de Ibaté. Os proprietários, Antônio Donato (presidente da associação dos fornecedores de cana-de-açúcar da região de Araraquara) e seus irmãos, “eram os maiores fornecedores da usina açucareira da Serra (Ibaté) e resolveram direcionar a produção para a própria destilaria, passando desta maneira a defender concomitantemente os interesses dos fornecedores e usineiros”, se tornando representantes das duas classes (FERREIRA, 1987, p. 110).

“Localizada na fazenda 4R em Ibaté, a empresa possuía 800 alqueires, contando com 188 fornecedores de cana, anteriormente, na sua maioria, fornecedores da extinta usina Tamoio, com propriedades nos municípios de Araraquara, São Carlos e Ibaté” (FERREIRA, 1987, p. 111).

A usina Contendas (extinta no início do plano de racionalização, ao ser vendida para a família Simioni), fato já citado anteriormente, ressurgiu no cenário canavieiro da região nos anos 80 como a terceira destilaria autônoma. Como já foi afirmado anteriormente, a família Salvagni ao vender a usina, manteve sua agropecuária que se transforma em destilaria, aproveitando os incentivos do Programa Nacional do Álcool, tendo como diretor e principal acionista Ernesto Salvagni (FERREIRA, 1987).

A última destilaria autônoma a ser instalada na região em estudo foi a Santa Helena, propriedade de Ildo Valério, também no município de Ibaté. A propriedade se destacava anteriormente como fornecedora de cana-de-açúcar para as usinas da Serra e Tamoio. Em 1978 é instalada uma fábrica de aguardente que se transforma em destilaria autônoma. Possuíam 916 ha de terras próprias e mais 674 ha de cinco fornecedores, perfazendo um total de 42.285 toneladas de cana ao ano (FERREIRA, 1987).

No final da segunda fase do Proálcool verifica-se um grande crescimento na produção alcooleira devido à produção das novas destilarias autônomas instaladas. No Estado de São Paulo ocorre uma expansão produtiva dos produtores tradicionais, e também uma maior concentração da posse da terra agricultável (BRAY et al, 2000).

De acordo com Ramos e Szmrecsányi (2002, p. 99), os anos oitenta vão continuar com as mesmas características do pós-guerra: o domínio do mercado canavieiro vai continuar nas mãos dos descendentes de imigrantes italianos, agora com o poder de associação para defender seus interesses:

Assim, ao iniciar-se os anos oitenta, os grupos açucareiros paulistas mantinham a mesma configuração básica do imediato pós-guerra e suas estratégias de crescimento continuavam sendo as mesmas. Grupos de famílias de descendentes de imigrantes italianos, que constituíram empresas, seja de quotas de responsabilidade limitada, seja na forma mais usual de sociedades anônimas de capital fechado, mas cuja constituição e expansão se baseavam

fundamentalmente na propriedade e apropriação fundiária, recorrendo a práticas associativas quando se tratava de defender seus interesses junto ao Estado em geral e junto ao órgão de planejamento do setor, o IAA, em particular.

A Desregulamentação na Região de Araraquara

O fim da década de 80 e o desenrolar da década de 90 vão trazer profundas mudanças para o país e para o setor sucroalcooleiro. A redemocratização política, a mudança de gestão para o neoliberalismo, juntamente com a abertura econômica do país, culminando na crise do Próalcool e com a desregulamentação do subsetor são fatores que iriam determinar uma transformação estrutural profunda do Brasil (RAMOS et al., 2007).

A crise financeira pública englobou União e Estados, reduzindo drasticamente os recursos destinados ao Próalcool. “Na década de 80 [...] os recursos governamentais começaram a se esgotar. Nesta época, os indicadores econômicos do País eram desfavoráveis, levando a uma política de contenção de gastos públicos.” (WATANABE, p.27), tanto que em 1989 as exportações de açúcar realizadas pelo IAA são privatizadas.

Em maio de 1990 o presidente Fernando Collor de Mello através do decreto nº 99.240 determina a extinção do IAA, e com ele o fim da intervenção direta do governo no setor, que transcorreu desde a década de 30. Chegava ao fim o protecionismo público e se iniciava a desregulamentação do setor sucroalcooleiro no Brasil, juntamente com sua desestruturação. (SHIKIDA et al., 2004).

Esse fato foi apenas uma consequência do processo de mudança que o país atravessava com a abertura comercial. Processo iniciado por uma forte vertente neoliberal, representada pelo governo Collor (1990-1992) e com continuidade no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que alterou de modo significativo a política nacional de comércio exterior (WATANABE, 2001).

Essas mudanças institucionais que começaram a ocorrer, tanto no cenário político como no econômico do país, tem origem no movimento neoliberal, tanto que os objetivos do país para controlar a inflação (estabilidade monetária), realizar reformas tributárias (controlar gastos públicos e obter equilíbrio nas contas públicas), e facilitar a entrada de capitais estrangeiros, coincidem com os objetivos propostos pelos neoliberais (BACCARIN, 2005).

Com o Consenso de Washington, em 1989, alguns órgãos financeiros internacionais (FMI, BID) e funcionários do governo norte-americano, reuniram-se para discutir a situação econômica dos países latino-americanos. O resultado desta reunião foi o consenso para a implantação de medidas neoliberais para os países que passavam por crises político-econômicas com o objetivo de conceder “cooperação financeira externa” (BATISTA, 1994).

De acordo com Shikida e Bacha (1999), com a reforma neoliberal em andamento, a principal medida adotada foi a redução do poder interventor do Estado na economia, e uma destas medidas foi a extinção de órgãos públicos ligados a agroindústria canavieira.

Se inicia uma nova fase marcada pela abertura econômica e pelo processo de desestatização e desregulamentação que provoca a reestruturação do setor sucroalcooleiro. Inicia-se assim a formação de empresas de grande porte, com destaque para a entrada de grandes grupos estrangeiros, ocasionando a concentração de capital

(CARVALHO, 2013). Com o fim da intervenção estatal e a liberação das exportações, forma-se o ambiente propício e atrativo ao capital externo.

A partir de 1999, tem início as grandes mudanças que irão impactar na cadeia produtiva, e com isso as usinas começam a adotar estratégias de competitividade diante de um cenário marcado pela concorrência e pelo afastamento do Estado, cuja atuação norteava as relações entre os atores do setor. (MACÊDO, 2011; BORGES; COSTA, 2008).

De acordo Macedo (2011, p. 12), o setor passaria por várias mudanças e crises provocadas por reestruturações internas (fusões e aquisições), pelo avanço da tecnologia (motores flex fuel, bioplástico) e pela oscilação dos mercados internacionais (crise financeira mundial de 2008), finalmente sentidos devido à abertura econômica:

Após a desregulamentação do setor, em 1999, a indústria da cana-de-açúcar inicia um importante movimento de reestruturação que ainda se encontra em curso. Esse processo ocorre em ciclos que são influenciados por diferentes fatores como, por exemplo: a própria desregulamentação, o lançamento da tecnologia de motores flex fuel em 2003, o aumento do interesse de diversos países pelos biocombustíveis principalmente a partir de meados de 2007 e 2008, a alta dos preços do petróleo em 2008, e, em especial, a crise financeira mundial iniciada em setembro de 2008, além das novas tecnologias que têm sido desenvolvidas para o uso da cana-de-açúcar, como a comercialização de energia elétrica a partir da queima do bagaço, o diesel produzido a partir da fermentação da sacarose da cana, a produção de polímeros (bioplásticos), entre outras possibilidades.

Devido a todas estas crises os grupos açucareiros vão buscar no mercado de capitais uma nova alternativa de financiamento, o que leva “a criação de holdings e à transformação de empresas em sociedades anônimas de capital aberto” (RAMOS; SZMRECSÁNYI, 2002, p. 102).

Outra estratégia para combater a concorrência foi a adoção do processo de fusões, aquisições e incorporações de unidades industriais, realizadas pelo investimento de capital estrangeiro e nacional, estabelecendo uma transformação estrutural organizacional, e de acordo com Carvalho e Gallo (2012) provocou a concentração e a internacionalização do capital.

A busca por competitividade e eficiência econômica requereu da agroindústria “ações e transformações que alteraram a estrutura de mercado das empresas e a dinâmica de atuação do setor”. Houve uma “corrida” para o aumento e melhoria da produção através de inovações tecnológicas (mecanização e quimificação), mudanças internas organizacionais (informatização), abertura de novas unidades em novas regiões e as parcerias, fusões e aquisições (BORGES; COSTA, 2008).

A operação de fusão se dá com a combinação de duas ou mais empresas que se unem dando origem a uma nova organização, e as empresas que se juntaram deixam de existir. A aquisição consiste quando uma empresa compra uma parte ou a totalidade do controle acionário da outra, passa a controlá-la e assume seus ativos, e a empresa adquirida deixa de existir (PASIN; NEVES, 2001).

O movimento de fusões e aquisições no setor começou a ganhar impulso a partir de 2000. Levantamento da consultoria KPMG mostra que houve 37 negócios envolvendo fusões e aquisições entre 2000 e 2005 (SCARAMUZZO, 2006).

No final da década de 80 a região de Araraquara contava com oito usinas: Santa Fé (Nova Europa), Tamoio (Araraquara, entre a década de 70 e 80, período que ainda não se pode determinar, a usina Tamoio foi adquirida pelo grupo Corona), Santa Cruz

(Américo Brasiliense), Zanin (Araraquara), da Serra (Ibaté), Maringá (Araraquara), Ipiranga (Descalvado) e Santa Luiza (Motuca). Nesta pesquisa não se obteve informações quanto as destilarias que estavam em atividade durante o Próalcool: Lagoa Dourada (Dobrada), Santa Helena, São Gregório e Contendas (Ibaté).

Várias fusões, aquisições e formação de novos grupos empresariais marcam a região de Araraquara a partir de 2005, processo facilitado pela captação de recursos através da abertura de capital na bolsa de valores, consequência natural da abertura de mercado, e com as parcerias com grupos estrangeiros.

No ano de 2007, a Usina Santa Luiza, em Motuca, foi adquirida pelas usinas São Martinho, Cosan e Santa Cruz que formaram uma holding e adquiriram conjuntamente a Usina por R\$ 179,3 milhões. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2007).

Em 2007, logo depois da abertura de capital na Bolsa de Valores de São Paulo, o Grupo São Martinho (Pradópolis) se une com a Usina Santa Cruz (Américo Brasiliense) e Cosan (Piracicaba), formando uma holding: a Etanol Participações, comprando a Usina Santa Luiza por R\$ 179,3 milhões. O grupo São Martinho desembolsou R\$ 74,7 milhões (valor obtido na oferta pública de ações). O grupo Cosan investiu R\$ 59,8 milhões e a Usina Santa Cruz R\$ 44,8 milhões (obtidos de suas posições de caixa). O grupo São Martinho ficou com 41,67% da Usina Santa Luiza, enquanto Cosan ficou com 33,33%, e a Usina Santa Cruz com 25%. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2007), e no fim do mesmo ano o grupo fecha a usina definitivamente.

De acordo com Ferreira (2009, p.2, grifo nosso):

[...] o que chamamos de segundo plano de racionalização da cultura canavieira, ocorrido no estado, como o que envolveu a compra da Usina Santa Luiza, município de **Motuca**, diferenciando-se por ser uma usina em franca expansão e desenvolvimento, não pertencente a nenhum grande grupo do setor. Cremos que esse fato é muito importante, evidenciando uma tendência que venha a ocorrer em áreas tradicionais do estado, visto que se existem grandes usinas que podem se transformar em um estorvo para o desenvolvimento do capitalismo oligopolista.

Desde 2000, o grupo São Martinho (Ometto) criou uma estrutura unificada para consolidar o conceito de grupo empresarial com a padronização de uma marca, o que levou a abertura do capital da companhia em 2007, buscando assim uma competitividade cada vez maior site

Em 2011 o Grupo São Martinho adquire 32,5% dos acionistas minoritários da usina Santa Cruz, que fazia parte da holding para a compra da usina Santa Luiza. Em 2014 o grupo São Martinho assume o controle total da unidade, com a compra das ações do acionista majoritário, Luiz Ometto (que na época também era vice-presidente do conselho da São Martinho), ficando com 92.14% da nova controlada. (NOVA CANA, 2017).

Atualmente o grupo São Martinho é composto pelas usinas São Martinho, em Pradópolis, na região de Ribeirão Preto (SP); Iracema, em Iracemápolis, na região de Limeira (SP), Santa Cruz, localizada em Américo Brasiliense (SP) e Boa Vista, em Quirinópolis, a 300 quilômetros de Goiânia (GO). A companhia também possui uma unidade para produção de ácido ribonucleico, a Omtek, também localizada em Iracemápolis (GRUPO SÃO MARTINHO, 2017).

“As usinas São Martinho, Iracema e Santa Cruz produzem açúcar e etanol, enquanto que a Usina Boa Vista é dedicada exclusivamente à produção de etanol. Todas elas geram energia elétrica a partir da queima do bagaço da cana, garantindo autossuficiência” (GRUPO SÃO MARTINHO, 2017).

Em 2016 ocorre a incorporação com a Nova Fronteira Bioenergia uma subsidiária da Petrobrás Biocombustíveis (PBIO), na qual a estatal detém 49%. “Com essa operação, a petroleira passa a deter 6,59% do capital total da São Martinho S.A. Em 23 de fevereiro de 2017 a companhia finalizou o processo de incorporação” (COIMBRA; NETO, 2017, p. 4).

Portanto, o grupo São Martinho (Ometto), Cosan (Ometto) e Santa Cruz (Ometto) adquirem e fecham no mesmo ano (2007) a usina Santa Luiza, e no ano de 2011 a São Martinho adquire a maior porcentagem de ações da usina Santa Cruz, pertencentes ao mesmo grupo.

A Cosan nasce em 1936 a partir da usina Costa Pinto em Piracicaba-SP (dos Ometto). A partir de 1986 a companhia adquire novas usinas, incluindo a usina da Serra (Ibaté) em 1998, e inicia a exportação de açúcar, expandindo cada vez mais. No ano de 2000 cria a marca Cosan. Em 2005 ela se torna a primeira empresa do setor a abrir o capital na Bovespa, levantando US\$ 400 milhões, com estrangeiros em sua composição acionária (GRUPO COSAN, 2018).

Do total do capital da empresa, 58,4% estão nas mãos do empresário Rubens Ometto de Silveira Mello, presidente do grupo. Outros 12,1% estão divididos entre os grupos franceses Tereos (6,3%) e Sucden (1,7%) e a chinesa Kuok (4,1%). Os outros 29,5% estão diluídos em ações no mercado - deste total, 91% está nas mãos de investidores estrangeiros e outros 9% com nacionais (SCARAMUZZO, 2006).

Atualmente, a Cosan diversificou sua atuação no mercado, e através da holding Cosan Limited administra seu portfólio que reúne as empresas: Raízen Combustíveis (rede de distribuição de combustíveis com mais de 6.000 postos sob a marca Shell), Raízen Energia (fabricante de etanol e exportadora de açúcar), Comgás (distribuidora de gás natural), Moove (produtora e distribuidora de lubrificantes, com destaque para a marca Mobil) e Rumo (empresa logística com mais de 12 mil quilômetros de ferrovia em sete Estados brasileiros) (GRUPO COSAN, 2018).

Em 2010 é formada uma joint venture entre a petrolífera Royal Dutch Shell PLC (Shell) e Cosan. Em 2011 o negócio se consolida e surge a Raízen, empresa avaliada em R\$ 20 bilhões e faturamento anual estimado em R\$ 50 bilhões (PINTO, 2011).

Os ativos da Cosan que foram envolvidos na joint venture incluem vinte e seis usinas, entre elas três usinas da região de Araraquara: da Serra em Ibaté, Tamoio e Zanin em Araraquara (PINTO, 2011).

Os ativos da Cosan que ficaram de fora da negociação incluem: as marcas de açúcar destinadas ao varejo (União e da Barra), lubrificantes (Mobil), Radar Propriedades Agrícolas (que atende as usinas do grupo por meio da prospecção e arrendamento de terras) e Rumo Logística (transporte e armazenagem de açúcar para terceiros) (MAGOSSO, 2010).

Atualmente, na região de Araraquara, a Raízen possui apenas a usina da Serra e a Zanin em atividade, pois a usina Tamoio foi desativada em novembro de 2017, e de acordo com um informativo do grupo Raízen, o fechamento se deu pela falta de matéria prima na região (TOMAZELA, 2017)

Outra usina da região de Araraquara seria desativada: a usina Maringá, pertencente ao grupo Diné, que também possui a usina Santa Rita em Santa Rita do Passa Quatro, e a Santa Rita II em São Félix do Araguaia – MT. A usina Maringá encerrou suas atividades entre 2013/2014, com uma dívida em torno de R\$ 1 bilhão e com mais de 50 inquéritos trabalhistas no Ministério do Trabalho (CANA ON LINE, 2015).

Em 1993 a usina Ipiranga de Descalvado é vendida para os seis acionistas, irmãos, da açucareira Santo Alexandre de Mococa. Em 1997 ocorre a fusão entre as

duas empresas, transformando a unidade de Descalvado em matriz e a de Mococa em filial. Em 2005 o grupo adquire a usina Iacanga, e em 2015 ocorre a incorporação da usina Ipiranga e Santo Alexandre pela usina Iacanga, onde a razão social se altera para Ipiranga Agroindustrial S/A. Atualmente a usina Ipiranga é usina sócia da Copersucar, responsável pela comercialização do açúcar e do etanol entre usina e clientes e de sua operacionalização logística (IPIRANGA AGROINDUSTRIAL, 2018).

A usina Santa Fé de Nova Europa é a única que ainda não se transformou em um grande grupo, seja de capital estrangeiro, com outra usina ou com empresas de comercialização. Possui como acionistas os descendentes de seu último proprietário, Roberto Malzoni. A usina faz parte do grupo Itaquerê, que também possui a Agropecuária Nova Europa, que detêm as terras do grupo (USINA SANTA FÉ, 2018).

BIBLIOGRAFIA

Álbum de Araraquara. 1915.

Álbum de Araraquara. 1948.

BACCARIN, J. G. **A desregulamentação e o desempenho do complexo sucroalcooleiro no Brasil.** 2005. 291 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

BATISTA, P. N., 1994. O Consenso de Washington – a visão neoliberal dos problemas latino americanos. **Caderno Dívida Externa**, n° 6. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/746> (text/html). Acesso em: 12 abr. 2018.

BORGES, A.C.G.; COSTA, V.M.H.M. **Fusões e aquisições:** caracterização e evolução no Brasil no período de 1992 a 2007. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. 28., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Abepro, 2008.

BRAY, S. C.; FERREIRA, E. R.; RUAS, D. G. G. **As políticas da agroindústria canvieira e o Proálcool no Brasil.** Marília: UNESP-Marília-Publicações, 2000, 104p.

Sem moer, Usina Maringá vira assentamento de sem-terra. **Cana on-line**, Araraquara, 28 jul. 2015. Disponível em: < <http://www.canaonline.com.br/conteudo/sem-moer-usina-maringa-vira-assentamento-de-sem-terra.html#.WwazMfUh0dU>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

CARVALHO, E. R. **Transformações sócio territoriais do capital sucroalcooleiro em Iturama, Pontal do Triângulo Mineiro.** 2009. 192 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CARVALHO, G. **A agroindústria canvieira em municípios de pequeno porte: o caso de Pradópolis – SP.** 2013. 124f. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) - Universidade de Araraquara (Uniara), Araraquara, 2013.

CARVALHO, G. C.; GALLO, Z. Dependência econômica de pequenos municípios: há alternativas em relação à agroindústria canavieira em Pradópolis – SP?. **Temas de Administração Pública**, Araraquara, Edição especial, v. 4, n.7, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/temasadm/article/view/6191>>. Acesso em: 16 de agosto 2017.

CASALECCHI, J. E. **Da Companhia Industrial, Agrícola e Pastoril d'Oeste de São Paulo á Cambuhy Coffee and Cotton Estates (1912-1933)**: contribuição ao estudo da presença inglesa na estrutura agrária do Estado de São Paulo. 1973. 241 f. (Tese de Doutorado em ?) Universidade Estadual Paulista (UNESP- FCLAr), Araraquara, 1973.

História. **Cosan**, Araraquara, 2018. Disponível em: < <http://cosan.com.br/pt-br/cosan/quem-somos>>. Acesso em: 02 de maio de 2018.

COSTA, A. M. F. **Agroindústria na região de Ribeirão Preto: o caso de Araraquara**. 1973. 110 f. (Tese de Doutorado em ?) Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCLAr), Araraquara, 1973.

FERRANTE, V. L. S. B. Tamoio: olha! Tem nó na cana! In: **Revista Perspectiva**. Vol. 7, São Paulo: UNESP, 1984.

FERREIRA, E. R. **A formação da região canavieira de Araraquara: o papel do Estado e das agroindústrias do açúcar e do álcool no processo de organização do espaço**. 1987. 167 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 1987.

FERREIRA, E. R.; ALVES, F. D.. Organização espacial da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo: Uma análise evolutiva. In: Encontro de grupos de pesquisa: agricultura, desenvolvimento regional e transformações sócio espaciais. 5., 2009, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** 2009. Disponível em:< <https://sites.google.com/site/neaunesp/publicaes/eneasengrup.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

GORDINHO, M.C. **Os Ometto**. Editora C. H. Knapp: São Paulo, 1986. 152p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: < https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm>. Acesso em: 10/01/2018.

GRACIANO, R. A. S.A Veículos: 90 anos de história. In. **Jornal O Imparcial**, 24/01/2016. Araraquara – SP. Disponível em: <https://www.facebook.com/JornalOImparcialAraraquara/posts/952339204849056>>. Acesso em: 16 de agosto 2017.

LORENZO, H. C. **Origem e crescimento da Indústria na região Araraquara – São Carlos: 1900-1970**. 1979. 181 f. (Dissertação de Mestrado em ?) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.

LUIZ, M. G. **Sertanejos, Estrangeiros, Forasteiros - dos primeiros boiadeiros à emancipação política de Motuca**. 1ª edição. Motuca: Livro Reportagem, 2013, 89 p.

MACÊDO F. S. A. **Reestruturação do setor sucroenergético no Brasil: uma análise do período entre 2005 e 2011**. 2011. (Dissertação de Mestrado em Agroenergia) – Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

MAGOSSI, E. Cosan e Shell negociam associação no Brasil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 01 fev. 2010. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,cosan-e-shell-negociam-associacao-estimada-em-us-12-bi,3196e>. Acesso em: 01 mai. 2018.

MONTEIRO, R. C. M. Diversificação econômica das fazendas mistas no interior do oeste paulista: produção voltada para o mercado interno e externo, 1889-1920. In: **Congresso Brasileiro de História econômica, 5; Conferência internacional de História de Empresas, 6**, 2003, Caxambu, MG. **Anais**. Caxambu-MG, 7-10 set. 2003.

NOVACANA. **A produção de cana-de-açúcar no Brasil (e no mundo)**. Disponível em: <<https://www.novacana.com/cana/producao-cana-de-acucar-brasil-e-mundo/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

PASIN, R. M. & NEVES, M. F. **Fusões, aquisições e internacionalização da agroindústria sucroalcooleira (2001)**. Disponível em www.fearp.usp.br/egna/resumos/Pasin.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2009.

PINTO, M. J. A. **Investimentos diretos estrangeiros no setor sucroenergético**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2011.

PISSINATO, B. **A cultura da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo entre 1950 e 2010: evolução histórica da área e da produtividade**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo. Piracicaba: 2014.

QUEDA, O. **A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista**. 1972. 173 f. Tese (doutorado em Economia e Sociologia Rural) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

RAMOS et al. **Dimensões do Agronegócio Brasileiro Políticas Instituições e Perspectivas**. Brasília 2007.

RAMOS, P. **Agroindústria canavieira e propriedade fundiária no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1999.

RAMOS, P. **Um Estudo da Evolução e da estrutura da Agroindústria Canavieira no Estado de São Paulo (1930-1982)**. São Paulo, 1983. 258f. Tese (mestrado), EAESP – Fundação Getúlio Vargas.

RAMOS, P.; SZMRECSÁNYI, T. Evolução histórica dos grupos empresariais da agroindústria canavieira paulista. **História Econômica & História de Empresas**, v.1, 2002.

RAMOS, P. Os mercados mundiais do açúcar e a evolução da agroindústria canvieira do Brasil entre 1930 1980: do açúcar ao álcool para o mercado interno. **Economia Aplicada**. São Paulo, v. 11, n. 4, p. 559-585, outubro-dezembro de 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502007000400006. Acesso em 14 abr. 2018.

Revista Araraquara, Araraquara – SP, 1974.

SÃO MARTINHO, Cosan e Santa Cruz compram usina Santa Luiza. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 abr. 2007. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/mercados,sao-martinho-cosan-e-santa-cruz-compram-usina-santa-luiza,20070412p10380>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SÃO MARTINHO. História e Perfil Corporativo. Disponível em: <http://www.saomartinho.com.br/>. Acesso em 03 mai. 2018.

SCARAMUZZO, M. Estrangeiros avançam em açúcar. **Valor Econômico**, São Paulo, 12 abr. 2006 B16. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/469668/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

SHIKIDA, P. F. A.; MORAES, M. A. D. de; ALVES, L. R. A. Agroindústria canvieira do Brasil: intervencionismo, desregulamentação e neocorporatismo. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa (MG), v.2, n.3, p.361-382, jul./set. 2004.

SHIKIDA, P. F. S; BACHA, C. J. C. **Evolução da Agroindústria Canvieira Brasileira de 1975 a 1995**. RBE Rio de Janeiro 53(1): 69-89 Jan/Mar. 1999.

SOARES, A. R. **Um Século de Economia Açucareira**. Editora clíper, 2000. 148p.

SZMRECSÁNYI, T. **O planejamento da agroindústria canvieira no Brasil (1930-1975)**. São Paulo: hucitec-Unicamp, 1979.

TOMAZELA, J. M. Raízen dispensa 250 funcionários da usina Tamoio em Araraquara. O ESTADO de S. PAULO, São Paulo, 14 nov. 2017. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,raizen-dispensa-250-funcionarios-e-fecha-usina-tamoio-em-araraquara,70002084218>. Acesso em: 01 mai. 2018.

TSUKADA, C. Y. P. de S. **Os efeitos da expansão do setor sucroalcooleiro sobre o desenvolvimento de municípios da região administrativa de Marília-SP**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia. UNESP, São Paulo. Presidente Prudente: 2011.

USINA IPIRANGA. História. Disponível em: <http://www.ipirangaagroindustrial.com.br/>. Acesso em: 03 mai. 2018.

USINA SANTA FÉ. História. Disponível em: <http://www.usinasantafe.com.br/>. Acesso em: 03 mai. 2018.

VECCHIA, M. J. de S. G. **Nhonhô Magalhães: Um Homem Além De Seu Tempo?**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UNESP, Araraquara, 1997.

WATANABE, M. **A desregulamentação do setor sucroalcooleiro e seu impacto na estratégia de produção das usinas no estado do Paraná**. Dissertação de Mestrado, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.